

Seminário de Filosofia. Rio de Janeiro, 09 de maio de 2001¹ Olavo de Carvalho

Schelling diz que um dos motivos para você não dar uma definição preliminar de filosofia, mas, ao contrário, para deixar que essa definição vá aparecendo naturalmente ao longo das investigações, é que se fosse possível dar uma definição preliminar de filosofia seria possível construir uma filosofia universalmente válida por mera análise dessa definição. Mas eu acho que é precisamente o contrário; em primeiro lugar porque a definição geral de filosofia não implicaria a unicidade da filosofia, porque, para você definir filosofia, essa definição tem que ser compatível com a existência de várias filosofias, pelo simples fato de que elas já existem. A definição que eu costumo propor não só é compatível com a existência de múltiplas filosofias, até em conflito, mas foi obtida da comparação dessa multiplicidade de filosofias; portanto, a essa definição não se aplica a observação de Schelling, porque o conteúdo da filosofia não poderia ser deduzido por mera análise da definição, mas, ao contrário, a análise da definição deveria ser compatível com a coexistência de muitas filosofias diferentes em seu conteúdo. A definição que eu dou é a famosa: a filosofia é a unidade do saber na unidade da consciência e vice-versa. Então vamos tentar fazer exatamente a análise desta definição e aí nós obteríamos, em parte, como diz Schelling, uma filosofia universalmente válida, mas isto não quer dizer uma filosofia universalmente completa e que pudesse substituir todas as outras, ao contrário. Para que a simples análise lógica dessa definição pudesse já conter uma filosofia universalmente válida que comesse todas as outras, seria necessário que a simples definição da espécie suprimisse a existência dos membros da espécie. Se eu te dou a definição de gato a simples análise da definição de gato substituirá o gato? Não. O pior é que nesse raciocínio de Schelling tem este pequeno lapso, ele está confundindo a análise da definição de filosofia com o preenchimento de todas as funções da filosofia. Então se nós vamos analisar essa definição, “a unidade do saber na unidade da consciência”, então nós teríamos que explicar primeiro os termos separadamente. Depois a junção da unidade do saber na unidade da consciência. E depois o vice-versa.

Quanto à unidade do saber nós não vamos ter muito trabalho porque isto já foi objeto de várias aulas alguns anos atrás quando eu falava dos tipos de unidade do saber. O primeiro tipo de unidade do saber, a primeira idéia que nos ocorre é a unidade enciclopédica, quer dizer, você juntar todo conhecimento humano possível em algum lugar, em algum livro hipotético. Você imagina uma enciclopédia, com três milhões de volumes onde estaria compactado tudo que o ser humano sabe. Essa seria uma possibilidade, seria a unidade quantitativa do conhecimento. Ainda assim, essa unidade quantitativa teria o problema de que se poderia descobrir na dia seguinte alguma coisa que não constasse na enciclopédia e esta teria que ter novas edições. Mas é uma maneira de você conceber. Um outro tipo de unidade do saber, localizado na extremidade oposta, maximamente diferenciado deste, seria a unidade sistêmica. A unidade sistêmica seria aquela justamente do conhecimento universal dedutivo, quer dizer, o que se entendia no tempo de Spinoza e até no tempo do próprio Schelling como sistema de filosofia, ou seja, aquele tipo de conhecimento que coloca os princípios universais e por dedução obtém todo o resto. Você teria o sistema da ciência emergindo por pura dedução dos princípios universais auto-evidentes adotados. Esta era a ambição de Spinoza, a ambição de Leibniz, é a ambição do idealismo alemão. De um lado você teria a unidade quantitativa de elementos absolutamente inconexos. Em uma enciclopédia os conhecimentos só estão conectados pelas letras do alfabeto. Se você traduzir a enciclopédia para o grego ou para o árabe já mudariam as letras então você teria estes mesmos conhecimentos dispostos em outra ordem por um motivo meramente externo.

O terceiro tipo de unidade seria o que nós podemos chamar de unidade funcional, que é a que você observa, por exemplo, na organização de uma universidade. Teoricamente se você

¹ Transcrição feita por Fernando Antonio de Araujo Carneiro - Sem revisão do professor

pegar uma universidade muito grande não há nenhum setor do conhecimento que esteja, em princípio, excluído dos estudos universitários. Todos eles estão de algum modo reunidos e eles não estão apenas juntos lado a lado, justapostos como em uma enciclopédia por uma ordem alfabética, mas já há um princípio de organização orgânica que não chega a ser totalmente sistêmica. Mas há, por exemplo, uma divisão em ciências naturais, ciências matemáticas, ciências humanas, direito etc. O esquema administrativo de uma universidade corresponde mais ou menos a uma idéia qualquer de sistema ou unidade do conhecimento. Se você for na USP você vai ver que tem um obelisco bem no meio da USP com uma frase do Miguel Reale inscrita em círculos; eu não me lembro bem da frase no obelisco mas ela se refere à unidade circular do sistema de conhecimento. Então é claro que numa universidade esse sistema, essa unidade, ela é apenas ideal, ela não é realizada, mesmo porque uma vez construídos os edifícios e distribuídos os departamentos pelos vários espaços, e se você descobrir que o sistema do conhecimento não é assim, como é que você faz? Destrói todos os edifícios e constrói outros, muda todas as pessoas de lugar? Não. Então existe um elemento convencional. Por um lado existe uma unidade orgânica ideal, por outro lado existe uma unidade convencional real.

Então nós devemos nos perguntar qual destes três tipos de unidade do conhecimento corresponde à unidade do conhecimento a que se refere esta definição que eu dou. Se eu estou falando que esta unidade se realiza na consciência de um indivíduo então é evidente que nós devemos excluir desde logo a unidade quantitativa, não é possível que todo o conhecimento humano caiba na cabeça de um ser humano. A idéia da unidade sistêmica não pode ser excluída totalmente mas é claro que ela também vai permanecer uma unidade ideal, porque se você tiver os princípios fundamentais e tiver um certo desenvolvimento numa certa área de conhecimento em torno deles isso não quer dizer que você vai conseguir estabelecer os nexos lógicos entre os princípios primeiros e suas últimas conseqüências. “Últimas conseqüências” seria qualquer conhecimento empírico adquirido por qualquer pessoa a propósito do que quer que seja. Se você tivesse um sistema de conhecimento orgânico absolutamente universal então nada estaria desligado dos princípios e seria possível sempre restabelecer os nexos lógicos. Mas é claro que este restabelecimento, mesmo que fosse possível permaneceria meramente potencial; na prática é impossível você estar toda hora indo e voltando entre os dados empíricos mais insignificantes ou mais fortuitos e os princípios primeiros. E também não poderia se tratar de unidade funcional, porque é evidente que a mente do indivíduo tem muito mais flexibilidade do que a estrutura administrativa e funcional de uma universidade. Por exemplo, você pode mudar a estrutura toda do seu sistema de crenças do dia para a noite. O que acontece, por exemplo, quando o sujeito (isso acontece todo dia), quando você liga a televisão e vê a pregação do pastor protestante e levanta um sujeito dizendo “aceitei Jesus Cristo” - nessa hora virou todo o sistema dele. Agora você imagina se uma universidade poderia fazer um treco desses, “de repente adotamos outros princípios, vira tudo de cabeça pra baixo”. Isto é possível para o indivíduo humano não para uma organização. Então nós vemos que nenhum desses três tipos de unidade do saber corresponde exatamente ao que seria concebível como uma unidade do saber na unidade de uma consciência.

Uma outra diferença é o seguinte: esses três tipos de unidade são concebíveis como sistemas que têm validade social. Os regulamentos da estrutura de uma universidade são os mesmos para todos que a freqüentam, a enciclopédia é a mesma para todos que a lêem e o sistema universal de filosofia também seria o mesmo para todos que tomassem conhecimento dele; o mesmo e teria a pretensão de ser estável. Quando Spinoza construiu um sistema, quando Leibniz construiu um sistema, etc, eles esperavam que esse sistema durasse para sempre.

Então é lógico que todo ser humano busca algum tipo de unidade de coerência entre o que ele sabe. Claro que essa busca de unidade de coerência é condicionada às necessidades pessoais dele; não é uma busca, para a maior parte dos seres humanos, é uma necessidade, é uma demanda de unidade de coerência que se limita, que se esgota, ao nível das necessidades pragmáticas dele. Por exemplo: quando estamos falando desse negócio de revolução comunista e o sujeito reage dizendo “não, nada disso vai acontecer”, o que ele está fazendo? É a reação natural do indivíduo que não pode admitir uma ruptura entre o que ele tem visto e o que vai

acontecer no dia seguinte. É uma reação de certo modo natural. Ele espera que haja uma coerência. O único defeito é que ele está raciocinando a partir de uma base empírica muito pequena que é a sua experiência pessoal apenas, de pessoa que não conhece o assunto. Então, não conhecendo o assunto, o erro de premissa é apenas esse: ele acha que apenas com as informações que ele tem ele poderia deduzir. Mas de qualquer modo o raciocínio que ele está fazendo, embora errado, não é anti-natural, é inteiramente natural, e reflete o quê? A busca de coerência que o ser humano tem. Então existe uma recusa obstinada do ser humano em admitir a ruptura entre o universo... (a própria noção de universo, que quer dizer? É uma coisa que tem um lado só. Não tem dois lados). O sujeito considera que o que quer que exista para além do que ele enxerga, ainda que essa coisa seja desconhecida, que, se ela for conhecida, será homogênea com aquilo que ele conhece. Então, em princípio, há um instinto humano de achar que tal como as coisas são aqui elas devem ser no resto do mundo. Pode até ser um raciocínio errado, mas reflete um desejo de coerência. Esse desejo de coerência está ligado, por um lado, à gerência da conduta humana. Quer dizer o indivíduo precisa ter uma visão mais ou menos coerente para poder agir de maneira que lhe pareça coerente. Por outro lado, não se trata só da conduta prática, mas da conduta interior também. Para ele regrar aquilo que ele vai pensar a respeito dele mesmo. Então, este tipo de desejo de coerência está muito ligado ao próprio instinto de sobrevivência e de auto-defesa. Se o mundo em que você vive repentinamente se rompe, quer dizer, ele começa a funcionar de acordo com uma outra lógica que não é a lógica a que você está acostumado, você está aterrorizado, você não sabe o que fazer, você está totalmente desorientado, e isto é vivenciado como sendo uma ferida, uma agressão, um insulto, um impacto cognitivo. Se você imaginar, por exemplo, a história de um judeu na Alemanha, o cara está lá rico, é um ser humano, “ah, esses nazistas, não vai acontecer nada”, no dia seguinte o cara está em um campo de concentração; “eu como cidadão respeitável, ninguém vai mexer comigo”, e no dia seguinte ele está lá. Esse é um impacto cognitivo evidentemente. Quer dizer, “de repente todo o meu mundo caiu”. Então é justamente para evitar esta impressão de que meu mundo caiu que o ser humano se apega a um padrão de coerência que pode até mesmo ser amplamente fictício. Mas o simples fato de o indivíduo até mentir para si mesmo para conservar a unidade do mundo mostra que a necessidade dessa unidade é real, que ela é uma espécie de instinto. Mais ainda, este instinto não existe apenas para os seres humanos. Você tem aquela série de experiências do Pavlov de simulação contraditória com cachorros. Os cachorros ficavam desesperados. E, mais ainda, um dia, no laboratório da Pavlov, teve uma chuva, uma tempestade, o laboratório inundou, de noite, e os cachorros estavam lá presos, e não tinham como escapar, estavam na jaula e a água subindo, e os cachorros foram ficando desesperados. No dia seguinte, quando o Pavlov chegou, a água já tinha baixado, mas os cachorros estavam completamente pirados. Então um cachorro que estava acostumado com ele repentinamente o atacava. Quer dizer, o impacto cognitivo do medo fez com que eles fizessem um monte de alterações na sua cadeia de reflexos para se adaptar àquela novidade aterrorizante. Isto também mostra o quê? O impulso de coerência que até um cachorro tem; de coerência, de unidade, de sistema. Enfim, é a própria noção de organismo. Supondo-se que o mundo real não constitua um sistema, mas que ele seja um amálgama de blocos, de campos fenomênicos totalmente hostis uns aos outros, totalmente incoerentes, é evidente que nenhuma vida orgânica poderia subsistir ali por muito tempo. E a estabilidade das espécies animais, malgrado o que disse Darwin, mesmo supondo-se a hipótese da evolução, as mutações seriam enormemente lentas, quer dizer, haveria um fundo de estabilidade enorme, e as modificações não seriam mudanças repentinas de estrutura; segundo ele, seriam pequenos detalhes que vão mudando. Quer dizer, mesmo raciocinando em termos da teoria da evolução, que eu não sei se é verdadeira ou não, e acho que ninguém sabe também, mesmo aí existe um predomínio do sistema, da estrutura, e do organismo, sobre a modificação. Quer dizer, existe o predomínio do homogêneo sobre o heterogêneo.

Então, pergunto eu, aqueles três tipos de unidade do saber de que falamos, os três são produtos sociais, quer dizer, uma enciclopédia, um museu, ou uma biblioteca; uma biblioteca não surge sozinha, uma biblioteca não dá em árvore, ela é resultado de um trabalho socialmente

organizado. Do mesmo modo um sistema de filosofia para ser criado precisa que existam faculdades de filosofia, que se tenha acesso aos livros, que tenha uma tradição que mantenha tudo isso, um monte de gente tem que trabalhar para que isso aconteça. E uma universidade também é um produto do trabalho humano. Ora, se essas três formas de unidade são unidades socialmente válidas, elas simplesmente não poderiam existir se por baixo delas não existisse esse outro tipo de unidade mais humilde, mais discreta, que é a unidade orgânica. Os seres humanos constroem universidades, fazem enciclopédias e criam sistemas de filosofia de certo modo numa tentativa de exteriorizar ao âmbito da sociedade aquele mesmo sentido de unidade orgânica que eles buscam conservar dentro deles mesmos. Quer dizer, o instinto de auto-conservação está presente no animal, no cachorro, propriamente no ser humano considerado enquanto organismo e está presente também na sociedade. Mas isso não quer dizer que as instituições sociais sejam um organismo, elas imitam um organismo. A famosa metáfora orgânica que surge no século passado com a sociologia de Adam Miller, que vê a sociedade como um organismo; é claro que isso é uma metáfora, uma analogia. Não é possível que exista nenhuma sociedade que seja tão orgânica quanto um organismo. Aliás, a sociedade se compõe de milhares de ações das quais algumas estão conectadas organicamente e outras ao contrário são ações totalmente antagônicas ou estranhas, como, por exemplo, uma invasão do exterior, uma guerra. É evidente que o invasor não faz parte do organismo nacional que ele invade, mas ele invade justamente para destruir esse organismo nacional. Por outro lado, é claro que dentro do país invasor existem forças antagônicas que lutam lá dentro. Ou seja, uma sociedade comporta forças alheias, indiferentes, alienadas e antagônicas em medida muito maior do que um organismo suportaria. Portanto, a sociedade não é um organismo, mas tudo o que um ser humano faz tem alguma organicidade. Em geral metafórica, analógica, copiada, deficiente, mas orgânica de algum modo. Do mesmo modo que não podemos considerar a sociedade humana como um todo sob a fisiologia de um organismo, nós não podemos negar que existam elementos de organicidade que, de certo modo, o ser humano exterioriza do seu corpo, do seu organismo, para construir em torno elementos, instituições, coisas etc., dentro de cujo ambiente o seu organismo possa subsistir.

Ora, se tudo aquilo que na vida social, cultural, exterior, parece ou imita um organismo não é senão uma organicidade de segunda grau, - a primeira organicidade é a do organismo real, vivente, natural - então a mesma coisa deve se passar com a filosofia. Quer dizer que a construção de um sistema filosófico, a busca de uma explicação filosófica coerente não é senão uma das muitas imitações de organicidade que o ser humano faz. Se ele busca achar uma explicação coerente para o mundo, ele faz isso pelo mesmo motivo que ele procura organizar, por exemplo, o seu trabalho, o seu horário etc., de uma maneira orgânica, para ele poder subsistir lá dentro. Ora, mas aí nós temos que distinguir entre o que é a necessidade de organismo que existe na sociedade humana e a que existe no indivíduo. Elas funcionam de maneira evidentemente diferente. A necessidade, por exemplo, de enciclopédias, de universidades, é uma necessidade decididamente social. Nenhum indivíduo necessita de uma universidade só para ele mesmo. E um camarada que vivesse sozinho numa ilha dificilmente iria tentar fazer uma universidade. Então esta instituição surge da necessidade de dar um sentido orgânico a uma comunidade, a um grupo de pessoas distintas, diferentes. Mas se a necessidade de unidade social reflete a unidade do próprio organismo humano, ou seja, o ser humano busca a unidade no campo social porque ele tem a unidade orgânica, então é claro que todos esses fenômenos que nós estamos considerando, a existência de universidades, a existência de enciclopédias, a existência de filosofias, também podem ser encarados em dois planos: um é o plano social, o outro o plano do organismo humano. E é evidente que dessas duas buscas de unidade, a do indivíduo singular prevalece. Porque ela subsiste sem as outras, mas as outras não subsistem sem ela. Para que exista uma busca de unidade no nível da existência social, cultural, etc, está suposto que existe uma unidade orgânica prévia, a unidade do próprio corpo vivente do ser humano. Ora, a filosofia não surge diretamente como uma instituição social, embora hoje ela o seja. Hoje quando você fala em filosofia você está supondo a existência de universidades, bibliotecas, editoras. Ou seja, você tem toda uma rede de instituições culturais voltadas ao cultivo da filosofia,

mas é evidente que ela não surge assim. Quando Heráclito ou Tales estavam tentando colocar alguma questão filosófica eles não tinham instituições filosóficas prontas para onde eles pudessem encaminhar a investigação dessas questões. Eles colocavam estas questões como indivíduos humanos que tinham certas dúvidas e que para vencê-las se colocavam este tipo de estudos ou de investigações. Portanto, é evidente que a filosofia nasce como iniciativa do indivíduo e não da sociedade humana. E tanto não era uma necessidade social que em volta as pessoas nem entendiam o que o sujeito estava fazendo. Muitas filosofias se tornaram socialmente úteis, porém, sempre muito tempo depois de elas estarem prontas. E, ao contrário, no instante em que estavam sendo elaboradas não apenas muitas delas foram consideradas socialmente inúteis como foram consideradas socialmente lesivas. Você, por exemplo, não pode dizer que havia no século XIII uma urgente necessidade da filosofia de São Tomás de Aquino. Tanto não existia que os caras não aceitaram na hora. Agora, quando chegou o século XIX o Papa decretou que aquilo lá era um negócio oficial. Mas passaram-se sete séculos antes de se tornar oficial. Então, a maior parte dos sistemas filosóficos que apareceram não foram recebidos de braços abertos pela comunidade, e geralmente eles vieram a beneficiar outras comunidades mais tarde e não aquelas onde nasceram. Portanto, é absurdo dizer que eles nasceram de uma necessidade social. Se nascessem de uma necessidade social, seriam imediatamente absorvidos pela sociedade, a não ser que fossem todos burros. É que esses indivíduos que estavam elaborando essas coisas estavam atendendo a necessidades humanas, mas necessidades humanas que eram, por um lado, necessidades individuais deles, e que por outro lado, eram universais no sentido de que qualquer ser humano pode se colocar essas perguntas e pode ter essas dúvidas. Mas não quer dizer que todos as tenham.

Então, daí a minha idéia de que a filosofia é a busca de um tipo de unidade de conhecimento que reflete antes uma necessidade do organismo humano do que uma necessidade da sociedade, da cultura. Tanto que algum tipo de unidade todas as culturas têm, mas nem toda cultura tem filosofia. A maior parte delas viveu muito bem sem filosofia alguma. Se a filosofia fosse uma necessidade colocada em primeira instância pela própria cultura ela deveria estar presente em todas as culturas. Por exemplo: todas as culturas têm alguma instituição de casamento, todas as culturas têm algum tipo de ritual para o sepultamento dos mortos, todas as culturas têm alguma forma de direito, de jurisprudência, mas nem todas têm alguma forma de filosofia. Elas podem ter a necessidade de uma cosmovisão, mas essa cosmovisão pode bem ser atendida pela religião, pelas tradições, sem a necessidade dessa elaboração crítica que é a característica da filosofia. Quer dizer, a necessidade de uma elaboração crítica da cosmovisão surge em alguns indivíduos, em certas circunstâncias, e não universalmente. O que mostra que são indivíduos que vão atrás disso e não as culturas. Por isso mesmo, é necessário que a filosofia tenha um tipo de organicidade que é mais parecida com o organismo humano do que com a organização da sociedade. E quando eu falo organismo é evidente que estou me referindo ao organismo psicofísico. Todo indivíduo necessita de um mínimo de coerência entre seus valores e seus atos. Ele pode se contentar com o mínimo, mas esse mínimo é indispensável. Nenhum indivíduo pode mudar de conjunto, mudar de valores todos os dias. O indivíduo não pode fazer isso de jeito nenhum. Ele enlouquece. Então existe um certo princípio de coordenação do conhecimento, dos valores, e dos atos, o qual está presente em todo ser humano. E a filosofia se parece mais com este tipo de coordenação do que com a coordenação de uma sociedade, de uma cultura. Tanto que quando o filósofo está elaborando o seu sistema de filosofia só ele o entende porque ele não constrói aquilo para ninguém. Ou seja, é absolutamente necessário que o filósofo entenda a sua filosofia antes de explicar para os outros. Portanto a filosofia tem mais a ver com a coordenação de valores, conhecimentos e atos na esfera orgânica do indivíduo do que com qualquer fenômeno cultural que nós possamos associar a ela, até mesmo a religião. Esta é uma para todos, e mesmo dentro de uma única religião podem aparecer várias filosofias discordes. Aliás, isso é a prova de que não há ligação necessária entre a religião e a filosofia. A religião não vai poder mudar seus dogmas, seus ritos, seus mandamentos toda semana. O filósofo pode mudar de idéia toda semana até que consiga estabilizar, até chegar a uma conclusão.

Isso mostra a enorme diferença que existe entre a filosofia e tudo isso aí, que vamos chamar de cosmovisão. Então existe uma cosmovisão que já está dada na religião, no direito, nas instituições, para dar certa coordenação à sociedade. A filosofia, antes de ela sequer poder participar deste mundo da coordenação social, tem que servir para a coordenação individual. Porque senão nem o próprio filósofo vai entender a filosofia dele. Mais ainda, uma filosofia que ninguém chegasse a conhecer porque o sujeito a produziu sozinho lá no canto dele, não contou para ninguém ou não quiseram ouvir, nem por isso ela deixaria de ser uma filosofia. O mundo está cheio de casos assim: o sujeito é descoberto duzentos, trezentos anos depois de morto e no entanto aquilo era um sistema, era um conjunto orgânico. Então está na cara que a filosofia emerge de um impulso de auto-coordenação do indivíduo humano e não da sociedade. Pode acontecer que esse indivíduo, conforme as conclusões a que ele vai chegando, se coordene a si mesmo de uma maneira totalmente estranha ou hostil ao meio circundante. É o caso do próprio Sócrates. Você não vai negar que Sócrates vivia buscando a coerência, mas quando a encontrou esta mandava que ele fosse incoerente com o meio. E ele mesmo dizia: “não, eu não posso fazer de outra maneira porque é o espírito, o daimon que me inspira assim e eu tenho que dizer isto aí ainda que vocês não queiram”. Então está óbvio que não apenas a filosofia de Sócrates mas todas as filosofia que existiram nascem de um impulso de auto-coordenação do indivíduo real, humano e nada tem a ver com a cultura. Ela pode se integrar na cultura, mas pode não se integrar também. Se você pegar o caso de Giambattista Vico, ele escreveu no século XVIII e ninguém deu a mínima atenção, ninguém entendeu nada do que ele estava falando, mas ele vira moda no século XX. Isto quer dizer que ele estava pensando em problemas que não eram problemas para as pessoas que estavam em volta. Eram problemas que iriam surgir em tais ou quais condições. O desenvolvimento da ciência histórica coloca problemas nos quais Vico já havia pensado com antecedência. Resultado: ele estava resolvendo certos problemas que eram problemas para ele. É claro que os elementos desses problemas podem ter sido colhidos no meio, mas o meio não precisa estar consciente desses problemas. O meio pode conviver com milhões de contradições que ele nem percebe e que não afetam a sua organicidade maior. Porque esta não é uma organicidade do tipo racional-filosófica, é outro tipo de coordenação. É uma simples coordenação da obediência coletiva; todo mundo obedece certas leis ou certas regras, certos hábitos, mas não quer dizer que esses hábitos sejam coerentes entre si. Ao contrário, a sociedade coexiste com grandes doses de incoerência em escala macroscópica, desde que essa incoerência seja ela própria institucional, e que as pessoas não vivenciem individualmente esta contradição.

Diariamente eu vejo contradições terríveis dentro da sociedade brasileira mas que eu estou sentindo daqui, mas as pessoas que estão vivendo estas contradições não as percebem como contradições. É claro que isso a longo prazo dá mal resultado, mas só a longo prazo. E a curto prazo os sofrimentos causados por essas contradições são explicados de outras maneiras. Podem ser inclusive percebidos de uma maneira, num nível semi-consciente, percebidos como sofrimento, não como contradição. Mas se o sujeito achar uma explicação socialmente aceitável para aquele sofrimento ele vai dizer aquilo e as pessoas não vão ver contradição nenhuma. Uma contradição que eu vejo aqui no Brasil é que todos se queixam de falta de dinheiro por igual. Você conhece algum brasileiro que diz “estou satisfeito, está ótimo”? Nenhum diz. Mas é absurdo, ridículo, a classe média diz que está ruim, o presidente da república diz que está ruim, o banqueiro diz que está ruim. Todos estão com falta de dinheiro. E a falta de dinheiro é vista em termos absolutos e não proporcionais, quando o dinheiro por definição é proporcional. O dinheiro não é um objeto com um tamanho específico. Só existe inflação porque o dinheiro é uma relação. Então se ele é relativo em si mesmo e você fala dele em termos absolutos, é claro que você está no mundo da lua, é claro que o seu problema não é esse, é claro que você está sofrendo por um outro motivo, e você está dizendo isso aí, é assim que você se queixa. Então é evidente que entre o ponto de sofrimento e a queixa existe uma distância, uma incoerência, e as pessoas não sabem porque estão sofrendo, e partindo de um diagnóstico errado são capazes de procurar terapias mais erradas que vão provocar mais sofrimento ainda e isso não tem solução.

Por exemplo, essa idéia socialista de que na sociedade capitalista não existe fraternidade e existe só a concorrência; ora, achar que o rateio dos bens do próximo é uma maneira de se instaurar a fraternidade é loucura. A fraternidade tem que ser instaurada em função de valores infinitamente superiores a este. Nós vamos tomar o dinheiro deles e agora nós somos donos. Eu estava lendo nas memórias de David Horowitz que o pai dele, que era comunista, foi para a Rússia e viu que lá era muito gostoso - embora fossem todos pobres, todo mundo era esfarrapado por igual, ninguém se sentia mal - e todos eles sentiam que tudo era deles, se sentiam os donos do pedaço. Mas aquela era a mesma época do caso da fome na Ucrânia, cujo povo não quis entregar a produção, o que levou Stalin a tirar a produção deles e os deixar sem nada, deliberadamente matando de fome dez milhões de pessoas em poucos meses. E isto estava acontecendo naquele mesmo período em que o sujeito estava lá. Então, este seria o humanismo baseado no rateio dos bens do próximo. É claro que pode dar uma sensação de igualdade e até de fraternidade, como em um assalto: na hora de dividirmos a grana nós estamos felizes, contestes, somos todos irmãos, somos sócios. Mas é evidente que a simples idéia de ratear os bens do próximo é o contrário de uma fraternidade. É uma ética de delinqüente. Ainda que o próximo mereça que seus bens sejam rateados. Eu acho que a classe rica brasileira merece o rateio dos bens, merece o comunismo. Os proletários não merecem porque eles vão sofrer muito. Quando você vê os banqueiros falando que o comunismo morreu, estes merecem. Este é o típico caso de não saber onde dói. E eu acho particularmente que todas as pessoas que se queixam da situação econômica do Brasil são todas psicopatas. Eu outro dia saindo de Curitiba vi vários cartazes escritos “rodízio - cinco reais”, “rodízio - seis reais”. Isto não existe em lugar nenhum do mundo. E é claro que se o sujeito está se queixando de fome e está de barriga cheia, de alguma coisa ele está sofrendo que não sabe o que é. Mas como o problema oficial se chama ‘fome’, ele diz que é fome. E daí ele vai tentar resolver o problema da fome, vai fazer besteira, vai piorar mais ainda e vai continuar não sabendo o que houve.

A existência da sociedade é compatível com esse tipo de coisa. Imensos blocos de incoerência. Por exemplo o caso dos camelôs fazendo passeata contra o neo-liberalismo. Eles querem que estatizem? Que ele passe a pagar imposto? Isso ele tinha obrigação de perceber, ele é um micro-empresário, ele vive do neo-liberalismo. É claro que quando a incoerência é muito imediata é porque você está na iminência de um problema sério. Por exemplo, um sujeito cuja subsistência se baseia na liberdade econômica e ele mesmo está gritando contra a liberdade econômica, aí é evidente que ele está ficando biruta. Mas quando isso começa a acontecer em massa é porque está ficando perigoso, porque é uma incoerência demasiado visível. Aí basta você formular aquilo em voz para se perceber a incoerência. Mas é claro que em situações de crise existe um monte de loucuras propositais, e mesmo que ninguém estivesse sacaneando ninguém.

A sociedade mesmo assim é compatível com tudo isso porque não é organismo, esse é que é o ponto. Ela pode ter incoerências e freqüentemente vive dessas incoerências. Mas o indivíduo humano não pode suportar tudo isso. Por exemplo, o camelô pode falar contra o neo-liberalismo mas ele não pode praticar o que ele fala nem um dia. Como é que ele vai fazer para socializar a atividade de camelô? Ou estatizar? Então ele pode falar isso aí enquanto cidadão. Cidadão é uma espécie de cargo que você tem, não corresponde à pessoa real, ao organismo. Ele pode falar isso enquanto cidadão mas não enquanto gente; neste caso ele não pode fazer, só pode falar. Justamente por isso é que nós vemos que uma busca radical de coerência como a filosófica está muito mais próxima da vida orgânica do sujeito real do que da vida social e cultural. É por isso que a filosofia pouco ou nada tem a ver com cultura. Não é expressão da cultura, ao contrário, é totalmente à margem da cultura. Freqüentemente você vê que quando há uma cultura montada há um sujeito que está pensando uma filosofia que, por sua vez, poderia ser a raiz ou semente de uma cultura totalmente diferente. Os filósofos podem gerar culturas, mas dizer que eles são expressão da cultura, de maneira alguma. Se ela pudesse ser expressão da cultura não precisaria existir. Quer dizer, aquele indivíduo, aquele organismo se sente muito mal ali dentro e então reage dizendo: “não, essa organização da cultura está toda errada, tem que ser assim e tal”. Ele inventa outra cultura. Então, por exemplo, se você lê as obras de Mário Ferreira dos Santos,

ela é toda a cultura brasileira que poderia ter sido e não foi. Só existiu na cabeça dele. E talvez em cem ou duzentos anos possa existir. Mas não existe nenhuma maneira de você explicá-la como expressão da cultura. Aquilo é tão, mas tão alheio à cultura brasileira. É um sujeito que foi buscar elementos 5000 anos atrás, ou na China, e construiu um sistema que não tem como ser explicado em função da cultura.

Então a filosofia surge da capacidade do indivíduo humano de transcender infinitamente o horizonte de sua cultura. Infinitamente mesmo. Mas tão infinitamente que a maior parte do que o filósofo fala simplesmente não cabe na cultura em que ele está, ninguém vai entender, e encaixá-la dentro da cultura é a mesma coisa que implodir a cultura. O que pode acontecer é o historiador se enganar e ver analogias entre aqueles assuntos de que o filósofo está tratando e o que é objeto de debate público na época. Mas aí ele está se deixando confundir por elementos separados.

A filosofia considerada em sua forma toda, qualquer filosofia, transcende a cultura, transcende todo o debate público do momento. Heráclito, por exemplo, não falava com ninguém, desprezava todo mundo, dizia: “esses caras não vão entender nunca o que eu estou falando”. Um certo elemento aristocrático existe na filosofia pelo simples fato de esta ser obra de um indivíduo e, longe de ele se integrar na cultura, ele reage contra ela. Ele não quer ser um membro da cultura, quer inventar outra. Por quê? Porque aquelas contradições que estão presentes na cultura e que os outros não sentem, ele sente. Os outros vivem dentro desse ambiente de incoerência e não lhes dói porque eles nem chegam a perceber. Se percebessem ficariam aterrorizados, simplesmente não saberiam o que fazer. Porque o filósofo é o sujeito que quer chegar a uma conclusão pessoal sobre praticamente todos aqueles pontos onde os outros se contentam em obedecer terceiros. Se um filósofo pudesse obedecer a um terceiro para que ele iria fazer filosofia? Se já chega o padre e diz: “olha, é assim, assim, assim...”, tá bom, acabou. Você faz o que o padre falou e não vai mais pensar nisso. Não é assim? Se vou pensar então é porque aquilo que o padre falou não me contentou, ou, pior, até me deixou mais encrencado ainda.

Aluno: Não pode acontecer de ter uma filosofia justificante, que justifique o sistema vigente?

Olavo: Nunca aconteceu. Porque até ela ficar pronta o sistema já muda. Vamos supor que acontecesse. Mas é claro que essa filosofia vai transcender enormemente aquilo que o sistema é capaz de conceber. Além disso existe a possibilidade de um status quo se justificar desde pontos de vista diferentes, até antagônicos. Aliás, onde quer que você tenha um regime mais ou menos estável, onde as pessoas estão contentes, isso vai acontecer. Quer dizer, os camaradas que pensam de maneira antagônica vão no fim das contas justificar aquilo lá mesmo. E como é que a monarquia inglesa dura há tanto tempo? É porque no fim todo mundo está de acordo com ela. Quer dizer, um vai justificar aquilo de uma maneira, outro vai justificar de outra. Por exemplo, quando teve a revolução cultural dos conservadores ingleses, há quarenta anos atrás. As duas cabeças principais ali eram o Roger Scruton e o Paul Johnson. Um era um materialista, um filósofo analítico na linha de Bertrand Russel, e o outro era um católico. Os dois acabaram justificando a mesma coisa. Se você tentar coerenciar os dois eu vou falar: “não vai dar”. Mas nos seus efeitos políticos eles convergem. Mas só nestes. Também é claro que se você pegar o pensamento de cada um deles, cada um é muito mais coerente dentro de si do que o sistema que eles justificam pode ser. O sistema não é e nem pode ser coerente, ele tem um tipo de organicidade que não é uma organicidade cognitiva. Nenhum sistema precisa disto. Nenhum sistema, nem político, nem social, pode precisar de tanta coerência quanto um filósofo precisa. Realmente, não é possível. A não ser que fosse a hipótese da revolução francesa, quando os filósofos queriam inventar um sistema tão perfeito que iria resolver tudo, todo mundo ficaria contente. Mas a prova de que isso é absurdo é que quando eles tentaram fazer piorou mais ainda. Quer dizer, o indivíduo estava confundindo a sua necessidade de coerência com os problemas sociais que ele estava tentando resolver. Os enciclopedistas do século XVIII fizeram um esforço,

eram pessoas medíocres, mas fizeram um esforço de coerência. Mas era um esforço que servia para eles. Quem disse que a sociedade precisava daquele tipo de coerência? Ao contrário, a sociedade vive de antagonismos que se fossem admitidos dentro da mente de um indivíduo, o estraçalhariam na mesma hora.

Há sistemas políticos nos quais coexistem partidos conservadores e partidos revolucionários, mas você pode ter dentro de você um partido conservador e um partido revolucionário? Se você tiver é porque você está em dúvida. Ora, a dúvida não é um sistema. Você vai ter que encontrar um *modus vivendis*, você vai ter que optar por um lado ou por outro. Não podemos esquecer que a sociedade não é um organismo. A palavra sistema é usada com relação à sociedade de maneira puramente metafórica. Não é sistema, há sistemas que estão coexistentes. Em qualquer etapa da história que você pega você tem como se fossem camadas de instituições coexistentes absolutamente antagonicas e heterogêneas que vem de raízes completamente diferentes. E não é possível nunca você reduzi-la a um sistema. Essa idéia de sistema, ela é um analogia muito chinfrim.

O pessoal confunde capitalismo com liberalismo. Você falar em capitalismo liberal já é o fim da picada porque o capitalismo já existia há muito tempo antes de aparecer o liberalismo. Curiosamente, aqueles que inventaram o liberalismo eram todos ateus, materialistas, racionalistas, e os que fundaram o capitalismo eram todos carolas. Então você já vai ver aí que há elementos surgidos em épocas diferentes e que estão se superpondo. E só um cretino como esse Mangabeira Unger acha que pegando os teóricos do liberalismo e destruindo tudo aquilo ele falou algo contra o capitalismo; mas só um idiota. O liberalismo é uma teoria, o capitalismo é um fato. Se toda ideologia liberal estiver errada então o capitalismo funciona por outros motivos que não aqueles que os liberais dizem porque o capitalismo nunca precisou deles para funcionar. Ademais, poucos teóricos liberais ficaram ricos praticando as suas teorias. Ou ficaram ricos por outros meios que não tem nada a ver com a teoria. Portanto uma coisa é o capitalismo, outra coisa o posterior liberalismo, o qual por sua vez também pode ser justificado desde muitos pontos de vista totalmente antagonicos. Agora a idéia desse cretino do Antonio Gramsci do bloco histórico, os blocos históricos só existem na cabeça dele. Isso absolutamente não existe, não forma bloco nenhum. No máximo você tem um bolo de incoerências que na esfera da consciência pública, isto é, naquilo que todos enxergam ao mesmo tempo, está coerido por um belo sistema de pretextos no qual todo mundo finge que acredita. Isto é o máximo de coerência que você pode ter.

Por exemplo, você estuda o Antigo Regime na França, que hoje é bastante conhecido, há centenas de livros, é uma época arqui-descrita. Aquilo era um tamanho saco de gatos que raia o incompreensível. Nem mesmo dentro do ponto de vista jurídico você tinha coerência. Havia milhares de leis regionais, outras que se referiam a certas comunidades, como as comunidades de ofício, que tinham seus regulamentos, e aquilo tudo totalmente incoerente e não obstante a coisa funcionava. Agora, como é que você vai descrever aquilo como um sistema? Só se você for maluco. Aquilo lá não era um sistema, era um estado de coisas. E um estado de coisas que duraram porquê? Bom, o simples fato de ninguém conseguir descrever um estado de coisas como um todo já é suficiente para que ele predomine. É o caso do Brasil. Não tem ninguém que consiga ver a coisa como um todo, e bolar uma ação efetiva, uma estratégia de conjunto. Não tem. Então tudo continua não porque seja um sistema, mas justamente porque não é. E eu acho que para não ver isso é preciso ser muito, muito burro, muito ingênuo na verdade. Aí o cara bola um esqueminha e diz: “está aqui o sistema capitalista, etc”. É pueril.

A idéia básica é a seguinte: a busca de unidade do saber que suscita a investigação filosófica é de tipo orgânico-individual, como a busca de coerência do cachorro do Pavlov, que tenta explicar a si mesmo o que está acontecendo quando começa a encher de água - se ele não consegue, ele pira. E esta necessidade existe ao nível do indivíduo, do organismo real, e não ao nível da sociedade, da cultura, os quais convivem perfeitamente bem com toda a incoerência que você queira, conquanto que esta incoerência não entre dentro das cabeças individuais, como acontece aqui no Brasil. Aqui a incoerência da cultura já começou a modelar os indivíduos. O que

normalmente não acontece, porque os indivíduos se dividem em vários setores que dentro de si são coerentes. Um é pastor evangélico, o outro é traficante, mas se é pastor evangélico e traficante ao mesmo tempo então é porque não está bom da cabeça. Ou é muito esperto ou então é louco. Mas no Brasil o que está acontecendo é isto aqui. O sujeito quanto mais imoral ele é mais moralista ele se torna e ele não sente que tem problemas.

Então se nós falamos de unidade do saber, por outro lado nós temos que pensar o que é unidade da consciência. Por exemplo, se você estudar isso desde o ponto de vista da psicanálise, a unidade da consciência é altamente contestável. A consciência de acordo com o doutor Freud é o subproduto de um entrelaçamento de forças extraconscientes, uma que se chama Id, que é o conjunto dos impulsos, e a outra é o super-Ego, que é o conjunto das regras impostas; e os dois são inconscientes. O garoto pequenininho desconhece seus impulsos e também desconhece o conteúdo da lei moral que o oprime. E do entrelaçamento dos dois vai nascer um negócio chamado consciência. Isto quer dizer que a consciência não tem consciência de sua própria origem. Ela é apenas uma fagulha de um isqueiro. Uma fagulha não sabe de onde ela sai. Isto quer dizer que a consciência retroagir sobre este processo e explicar sua própria origem seria tão possível quanto uma fagulha fabricar um isqueiro. Existe também uma série de teorias que dizem que a consciência é a introjeção de certos papéis sociais. Quer dizer, você adquire uma consciência individual porque as pessoas te dão um papel social constante e você aprende a desempenhar aquele papel social, começa a chamar ele de eu, e daí você imagina que tem um ego, uma consciência. E outros ainda que dizem que a hipótese consciência é totalmente dispensável e que você pode explicar tudo na base do reflexo condicionado.

Você tem um monte de teorias feitas conscientemente por indivíduos para explicar que não existe consciência. Porque eu duvido que o doutor Freud tenha produzido a psicanálise inconscientemente. Ou que o Skinner tenha construído toda a reflexologia dele por reflexo condicionado. Quer dizer, o simples fato de existir essas teorias prova que elas estão erradas, se estivessem certas não teria sido possível elaborá-las. A simples existência delas mostra que a idéia de unidade da consciência não é uma idéia autoprobante, que possa ser dada por pressuposta. Ela tem que se justificar.

Então que tipo de unidade é a unidade da consciência? Por exemplo, nós temos a unidade orgânica, nós temos um corpo, e ele mantém uma estrutura constante ao longo de toda a sua existência; embora haja a troca de algumas células há outras que não trocam, as células nervosas não trocam, continuam as mesmas, só esticam, e no mínimo as células nervosas poderiam ser consideradas o padrão constante da unidade orgânica. De qualquer maneira, nós não nos confundimos uns com os outros no espaço, nós não nos interpenetramos. Eu sei que os gays não gostam disso, mas nós infelizmente não nos interpenetramos. Então nós podemos aceitar a unidade física como coisa mais ou menos demonstrada.

A unidade da consciência é do mesmo tipo da unidade física? É claro que não. Porque a unidade física é dada, você já tem antes que você perceba. E a unidade do seu corpo não depende da unidade da sua consciência. O sujeito fica esquizofrênico, tem dez mil personalidades diferentes e nem por isso se multiplicam os corpos. Se se multiplicassem os corpos não haveria problema nenhum. O sujeito tem tripla personalidade, mas tem três corpos diferentes, e ninguém vai perceber que é tripla personalidade, uma para cada um. O problema é quando são três num corpo só. Então é claro que a unidade da consciência não é do tipo da unidade do corpo. Mas tem algo a ver com ele. Para resolver isso aí é que eu fiz um estudo sobre o que é a psique, alguém deve se lembrar disso quando estudamos a astrocaracterologia. Esses estudos parecem não ter a ver um com o outro mas vai emendando, emendando, até chegar no ponto. É evidente que a noção de consciência está ligada à noção de ego, que por sua vez está ligada a noção de psique. Por um lado fizemos o estudo do que é a unidade do saber, e para saber o que é a unidade da consciência temos que entrar por outro lado completamente diferente. E temos que nos perguntar o que é a psique. Isso eu já expliquei e vou tentar explicar novamente em quinze minutos para poder enxertar aqui no que eu estou falando.

Assim como para definir filosofia eu procurei todas as filosofias existentes e perguntei o que é que todas essas pessoas estão fazendo que lhes permite dar o mesmo nome para sua ocupação, e o único ponto de unidade era essa definição, de que todas estão buscando a unidade do saber na unidade da consciência, não importando qual seja o conteúdo de sua filosofia. É sempre isso que eles estão fazendo e não é possível fazer filosofia por outros meios. Não é possível fazer filosofia coletivamente. Não é possível fazer filosofia se você não se interessa pela unidade do conhecimento. Em suma, de Heráclito até Nietzsche o que todos estão querendo fazer é isso. Certo ou errado é isso o que estão fazendo. Então, portanto, existe uma definição de filosofia que se aplica às filosofias mais diferentes. Teve um texto do Wolfgang Steinhilber que li aqui que falava da incomunicabilidade entre as várias filosofias do século XX, que não dá para você nem comparar uma com a outra, não dá para armar uma polêmica entre as duas porque não têm nenhum ponto de contato. Mas o ponto de contato é esse.

Do mesmo modo quando eu me perguntei o que é psique eu usei o mesmo método. Eu falei: “bom, quando os psicólogos das mais diferentes orientações falam de psique, seja para reduzir tudo à psique como faz Jung, seja para negar que a psique existe como Skinner, qual é o conteúdo intencional da palavra psique que um está afirmando e o outro está negando?”. É um procedimento fenomenológico, vamos reduzir tudo e vamos ver do que é que eles estão falando, não importando como eles julgam essa coisa. Se existe ou não existe, qual é a essência da idéia de psique que está subentendida em todo o debate psicológico ao longo do tempo? Também não vou querer saber se essa coisa de psique existe ou não, eu só vou perguntar do que eles estão falando.

Então, eu vi primeiro que a maior parte deles não definiu o que era psique. Se eles tivessem definido seria possível que outro tivesse definido de outra maneira e daí você iria articular um debate auto-consciente. Mas os caras chegavam ao ponto de ampliar desmesuradamente o conceito de psique como Jung ou de negá-lo como Skinner, sem ter dito o que ela era. Mas em qualquer psicólogo que você encontra, você vai encontrar a palavra psique sempre referida à noção de causa. Quando Jung diz que tudo é psique ele está dizendo que a psique causa tudo e quando o outro diz que a psique não é nada ele está dizendo que nada é causado pela psique. O que quer que seja a tal da psique ela é sempre mencionada como algo que é ou que não é causa de alguma coisa. Portanto a psique é um tipo de causa. Nós não sabemos ainda que tipo de causa que é, que é que tem lá dentro, se tem alguma coisa lá dentro, mas sabemos que ela é alegada ou discutida pelos psicólogos como um tipo possível de causa. Quando o sujeito diz que nada tem causa psíquica, ele admite o mesmo conceito - de psique como causa - como hipótese não comprovada. O conteúdo de causa ainda é alegado nos dois casos.

Pegando esses dois exemplos extremos, Jung e Skinner, quando um diz que tudo tem causa psíquica e o outro diz que nada tem causa psíquica, como é que eles distinguem uma causa psíquica de uma causa não psíquica? Quando Jung diz que tudo acontece por causas psíquicas certamente ele não está querendo dizer que quando uma manga madura cai da mangueira é por causa psíquica. Pode ser no sentido de psique da natureza, mas não é a psique humana que faz isso. Então qual seria a diferença entre a estrutura de um ato quando ele é causado psiquicamente e quando não é, pouco importando se isso é uma realidade ou uma hipótese? Quando você está no ônibus e vai passar na roleta, você vê o preço da passagem, enfia a mão no bolso e pega uma nota qualquer; se há várias notas, foi uma causa psíquica que determinou se foi uma nota de dez e não uma de cinquenta? Nem Jung nem Skinner diriam isso. Portanto os dois sabem que isso não é causa psíquica. Portanto os dois sabem que o que acontece por acaso não é psíquico. O acaso é certamente uma causa de muitas coisas. Que é acaso? É uma multidão inabarcável de causas que concordam. É isso que chamamos de acaso. Quando você diz que algo aconteceu por acaso não quer dizer que não tem causa nenhuma. Mas é uma multidão inabarcável, uma multidão indefinida de causas, que você chama de acaso. Então, a primeira pista para você descobrir o que é psique é excluir o acaso. Tudo o que acontece por acaso decididamente não é psíquico. Ora, supondo que você está passando por baixo de um edifício e cai um tijolo na sua cabeça, de

acordo com a altura do edifício o tijolo vai cair com uma certa velocidade e vai impactar na sua cabeça com uma força. Se ele cair de um metro, sorte sua; se ele cair de dez metros, você está lascado; e assim por diante. Então, a velocidade do tijolo é casual? Não, ela obedece um módulo constante, isso pode ser calculado de antemão, e você já sabe que conforme a distância de onde o tijolo cair ele vai cair com um impacto x ou y . Isto é o que nós chamamos necessidade. Aquilo que acontece de acordo com uma necessidade perfeitamente calculável também ninguém diria que é psíquico, nem Jung e nem Skinner. Isto quer dizer que Jung e Skinner, quando falam de psique, não a definem, mas sabem mais ou menos do que estão falando. E porque sabem é que podem discutir se tal coisa é psíquica ou não. Então nós excluimos de um lado a necessidade no sentido físico e a necessidade pelo lado do acaso, mas existe um outro tipo de necessidade ainda.

Aluno: O Jung negava o acaso.

Olavo: Mas para dizer que nada acontece por acaso você tem que ter o conceito de acaso para dizer que esta hipótese acaso não se realiza. Do mesmo modo que você pode negar a necessidade. Você pode ser um indeterminista total, mas para você ser um indeterminista você precisa saber o que é a necessidade. Apenas você está dizendo que a necessidade é uma hipótese que não se realiza. Mas de qualquer modo você tem o conceito. Apenas restando saber se este conceito corresponde a alguma realidade ou não. O debate será este mas o conceito continuará constante. De cara o que nós vemos é isso: pouco importando qual seja o conteúdo das várias orientações da psicologia, algo sobre o que é psique todo mundo sabe. Tanto sabe que sabe distinguir do que é acaso e do que é necessidade.

Mas essa lei de necessidade segundo a qual o tijolo cai com uma certa aceleração depende evidentemente das condições gravitacionais da Terra. Se o tijolo caísse no planeta Marte seria diferente. Então essa é uma necessidade relativa que nós chamamos de necessidade física. Se a passagem do ônibus custa um real e você puxa uma nota de dez, você sabe que o sujeito vai ter que te devolver nove, e essa necessidade não está condicionada à gravitação terrestre. Então este tipo de necessidade lógica ou matemática é ainda mais inflexível que a necessidade física. Então a esta menos ainda nós atribuiríamos a natureza de coisa psíquica. Dois mais dois dá quatro não por motivo psíquico - já cinco...

Agora suponha que você faça um gesto de como se fosse bater em uma pessoa. Todos reagiriam a ele da mesma maneira? Não. Um vai te dar uma porrada, outro vai abaixar, outro não vai nem perceber, outro vai ficar aterrorizado, outro vai ter um ataque cardíaco. Pode acontecer um monte de coisas. O que é a raiz disso, é o acaso? Tomado como conjunto, dentro de uma amostragem, pode-se dizer que é o acaso. Mas e no caso individual? A psique. Se você não diz isso, você tem a necessidade física, a necessidade lógica, e o acaso, e na minha opinião nenhum desses três pode explicar a reação individual.

Então, de cara, nós já temos uma noção de psique delimitada. A psique é uma causa da conduta humana quando esta conduta não pode ser explicada nem por uma necessidade física, nem por uma necessidade lógica, e nem pelo acaso. E isto é uma intuição que está no fundo da cabeça de todos os psicólogos que falam de psique. Todos eles sabem disso. Na verdade nunca expressaram. Ora, se nós entendemos isso, então nós podemos precisar mais a natureza da causa psíquica. Você vê que a reação individual, em primeiro lugar, é individual. Se todos reagirem da mesma maneira você pode excluir do psíquico. Não é preciso você dar uma explicação psíquica. Por exemplo, porque todas as pessoas falam? Ou andam com as duas pernas quando as têm? Você vai remeter a uma outra ordem de causa, no caso, à necessidade natural. Então, de cara, toda a causa psíquica é coexistente com a individualidade orgânica. A causa psíquica só age onde o corpo do sujeito está. Nada que é de causa psíquica acontece fora da presença do corpo do sujeito. Tanto que se acontecer você diz que é parapsicológico, ou metapsíquico, como se dizia antigamente. Quer dizer, o sujeito está aqui, você pega uma lata, e ele pela força do pensamento faz a lata cair. Se acontecer isso você entende automaticamente que você vai precisar recorrer a um outro tipo de causa que o psíquico não explica. Se o sujeito vai lá e derruba a lata com a mão

you have a physical explanation of why the can fell. But if it was with the power of thought, with a physical action of thought, the simple fact of thought acting physically escapes the physical dimension and penetrates another dimension. We don't know for sure what it is but no one would say that it is psychic. It would require that the can also acted psychically. It is a hypothesis. If you explain that the can fell because it was scared, you were looking ugly and the can fell, that would be psychic, but from the side of the can.

This is the first characteristic of the psychic: it is coextensive with the physical presence of the individual. The second is: it cannot be in any way completely separated from the history of the individual. It has something to do with the history of the individual. If you do something to the subject and he does not perceive it, or it is because he is drunk, or it is because he is a phlegmatic subject and has been since always, or it is because he was thinking of something else. Or perhaps, you will only succeed in explaining this by referring to something that happened before. This something will not completely determine the reaction of the individual, but this reaction is not separable from his history. Then this is the second characteristic of the psychic.

First characteristic of the psychic: it is coextensive with the physical presence. Second: it is historical. Historical is that which has something to do with the past. But it does not need to be completely determined by the past. Because if it were completely determined by the past it would fall into physical causality. Third: it has something to do with the past, but, not being completely determined by the past, it has something to do with a reaction of the individual placed between the present and the past. You have a situation present and you have the past. The sum of the two does not determine the reaction of the individual. If it were determined then it would leave of being psychic.

What I mean to say, there is a psychic cause where a physical individuality placed between your past and the present plays with the facts and produces a singular reaction. If there is not this singular reaction that is only partially predictable by the confrontation of the present situation with the past history you will not say that it is a psychic cause. But all this that I said proves that the dog has a psyche. Because if you lift a stick to hit it, it will run away, the other will not even perceive it, and so on and so forth. The history of the dog has something to do with this, but it does not explain it. What I mean to say is that there is an equation between the present and the past that is not enough to explain this reaction. Then this reaction is not only individual, but it is an element of freedom. And this would be the third characteristic.

Then the first would be individuality. The second would be historicity. And the third would be freedom. The dog could be already conditioned, but if no one ever lifted a stick to hit it? If you were the first? It would have to invent some reaction. Even in the case of the dog you have this margin. But there are more elements that the dog does not have. It is that this action of the individual can be explained by himself. He has a justification.

Or perhaps, the action means something for the one who sees it but also means something for the one who acts. Because if all this passes and the individual does not perceive it you could explain this reaction as you would explain it for the dog. If this happens then there is no human psyche. There is only an animal psyche. Then now we are going to jump from the animal psyche to the human psyche. When the individual explains why he acted like that for himself he makes of this reaction a pattern for other subsequent actions. He limits himself to himself, creating a pattern of coherence between the act of this moment, the past acts and the future acts. The reflexive capacity is embedded in this, but it is not only this. He does not only reflect, he does not only count on his history for himself and justify it, but he inserts it within a history that exists for him. Even if the history is completely false. With the subject that is hypnotized, you are the hypnotizer and he sends a post-hypnotic message: "in five minutes you will ask for a glass of water"; after five minutes the face asks for a glass of water, you ask why, and he already gives you a ready explanation - the whole is false and clear. He invents a justification. What does this self-explanation mean? It means the will of the conscious ego over the past and the future. And this is the fourth characteristic of the psyche that is specifically human. This we are going to call the will of power. Only those actions that have causes that are individual, historical, free, and in which the will of power is expressed, we will say that they are psychics.

Ou seja, quando Skinner diz que não existe psique ele está abolindo a vontade de poder. A vontade de poder significa o seguinte: aquele mesmo indivíduo na hora em que ele justifica a sua ação ele está inserindo aquele ato presente numa história passada que deve se prolongar no futuro sob a gerência dele. Ele até mesmo pode mentir para ter o controle. Ele pode inserir também o reflexo condicionado. Ele pode até explicar para si mesmo que agiu por reflexo condicionado. O reflexo condicionado não é excluído, ele é inserido dentro de algo que já não é reflexo condicionado. É o quê? É o desejo de poder sobre o meu próprio futuro. Então eu explico o presente em função do passado e de uma imagem futura a que eu pretendo chegar. Isso aí não tem no cachorro. Chamaremos isso de vontade de poder só para usar uma expressão consagrada por Nietzsche, mas dando essa ênfase específica que é apenas o poder sobre mim mesmo. O poder sobre a evolução temporal do que está acontecendo.

Ora, o padrão, o desenho desta história que eu conto para mim - o cachorro também tem história mas ele não conta a história para ele, ele não diz "ah, da próxima vez que isso acontecer eu vou agir de outra maneira" - o cachorro não tem. Ele não tem necessidade desse controle prévio. Então é isso que vai dar a diferença específica da psique humana. Quer dizer, cada coisa que acontece se insere numa história que não é só a história passada, é a história futura. Essa história futura é totalmente hipotética, mas cada coisa que te acontece você já insere nela. Por quê? Porque você quer ter o controle da coisa. Portanto o domínio que o ser humano tem sobre o seu organismo não é só o domínio atual da situação, é o domínio sobre o hipotético futuro. Por exemplo: o sujeito que é acusado de algo que não fez numa empresa. Se ele tem a ambição de ser diretor, ele vai ter uma reação, se ele está cagando, ele vai ter outra. Coisas que ainda não aconteceram influenciam a reação que o sujeito tem no momento, porque ele quer ter o domínio sobre o futuro. Portanto, um animal se contenta com a defesa da sua integridade física do momento, mas nós defendemos a integridade de possibilidades de ação futura. O animal é tipo um shudra, ele vai buscar o prazer e evitar a dor. E é claro que ele é capaz de consolidar um reflexo, mas ele precisa de muita experiência porque ele só tem passado. Aliás, tem presente e passado. Futuro para ele não é concebível.

Então o ser humano, o organismo humano quer ter o controle, busca o controle do que ainda não aconteceu. Qualquer ação onde não esteja envolvido o desejo de controle do futuro não é psíquica, pode ser inteiramente explicada por reflexo condicionado, reflexo condicionado no passado. A hipótese do Skinner de que não existe psique supõe que ao menos o Skinner tenha psique. Porque, se todas as reações podem ser explicadas por reflexo condicionado, todo mundo só tem passado, e o sujeito que vai condicionar o cara está condicionando em vista de um efeito futuro. Se eu quero condicionar o seu reflexo é porque ele não está condicionado ainda, mas eu quero que esteja condicionado. Então pelo menos um tem que ter psique. Deve ser o próprio Skinner evidentemente. Então isso quer dizer que a reflexologia serve para explicar todos os outros, a nós não. Tanto que quando você explica a ação de um indivíduo por reflexo condicionado, evidentemente você o está rebaixando. Você está recusando ao sujeito a sua dignidade que vem da vontade de poder. É só você que tem o poder, porque só você tem a vontade de poder. Então é claro que se você conseguir convencer todo mundo de que todo mundo age na base do reflexo condicionado, você controlou todo mundo, porque só você tem vontade de poder, eles não. Então onde não existir vontade de domínio sobre o futuro não tem ação psíquica. Ora, e o que você chama precisamente de ego? Ego é o elemento constante que permite esse controle. Isso quer dizer que se o indivíduo não desenvolver um ego, ele só vai ter reflexo condicionado. Ele vai parar no reflexo condicionado. Ele tem as outras características, tem psique, mas a psique animal.

Isso quer dizer, sumariamente, que para surgir o ego não precisa o papai querer comer a mamãe e você ficar bravo com ele. Tem que aparecer muito antes. Para você chegar a ter complexo de Édipo você já precisa ter o ego. Porque, supondo-se que você vê um padrão constante na atuação de papai e mamãe e você já faz um julgamento sobre o futuro, como você poderia fazer isso sem ego? Portanto o ego não nasce da repressão, só é possível haver o fenômeno da repressão porque você tem ego. O ego também não pode nascer de um papel

social. Como é que eu vou aprender um papel social se eu não tenho um ego? Por exemplo: sempre me chamam de fulaninho. Como é que eu posso adquirir um ego pelo simples fato de que sempre me chamam pelo mesmo nome se eu não sei de quem estão falando? Eu só posso aprender o meu próprio nome porque eu já tenho um ego. Você nasce com um ego. Este ego ele cresce à medida que aumenta o quê? A sua história. E a sua possibilidade de concepção de futuro. Mas ele tem que estar lá desde o primeiro momento. Portanto qual é a origem do ego? A origem do ego é a sua origem. Esse ego pode estar inativo para efeitos exteriores, inativo sobre os outros, mas não sobre você. Então quando você vê esses filmes sobre o aborto, e vê o bisturi cortando o moleque, você vê que ele não somente se queixa como ele foge, e isso já é pelo menos o rudimento animal de ego. Ele não apenas reclama do golpe que já foi dado, como procura evitar o seguinte. Se me perguntam porque eu sou contra o aborto é por causa disso: o sujeito que está lá não gosta. É muito simples. Eu seria a favor do aborto voluntário, todo o sujeito que pedir para ser abortado...

Isso quer dizer que entre a unidade orgânica do sujeito e o seu ego não há um ponto de transição. Porque esse ponto de transição é exclusivamente externo. Assim como entre a semente e o fruto existe um ponto de transição externo, mas o fruto já está na semente. Ele precisa apenas das condições externas para que se manifeste. Estão faltando as condições externas. Por exemplo: a semente de maçã. Se você plantar não vai nascer abacaxi, vai nascer maçã. Mas, se você não plantar, não deixa de ser semente de maçã, deixa de ter existência, mas não essência. Continua sendo exatamente o que é. E o seu ego continua sendo exatamente o seu ego, apenas não veio à existência. Mas isso não quer dizer que ele deixa de ser o que é. Então nós não podemos confundir as várias etapas da existência de um ente com naturezas diferentes. É claro que é um erro primário. Até depois de morto o sujeito é o mesmo. Quando Napoleão Bonaparte morreu virou o quê? Maria Antonieta? Ele continua sendo Napoleão Bonaparte, senão nem mesmo os efeitos póstumos de suas ações poderiam ser atribuídas a ele.

Então nós entendemos que o que nós chamamos de consciência é apenas um aspecto do ego, é a história do ego contada por ele mesmo, e que isso é apenas uma continuidade subjetiva da unidade orgânica. Que é ego? As expressões ego e consciência são expressões subjetivas da minha unidade orgânica. Quando uma pessoa sofre lavagem cerebral, ela conta a história errada, e por isso mesmo pode resultar numa esquizofrenia. É por isso que o meu guru Juan Alfredo César Muller dizia que a psicoterapia não age sobre a psique, mas só sobre o ego. Você vai contar a história do sujeito, você vai recompor a história do sujeito. Do mesmo modo a manipulação da psique fará com que as recordações que são ativadas na esfera consciente não correspondam às estimulações guardadas em outra parte do sujeito. Ele tem certas reações, sensações que estão lá arquivadas, mas a história que você conta é outra. A lavagem cerebral atinge só a narrativa do ego. Você vai contar a história errada. Essa história precisa corresponder esquematicamente ao que se passou para poder substituí-la. Precisa haver uma analogia. Por exemplo: vamos supor que você foi mordido por um cachorro e você teve um trauma. Eu posso trocar o seu trauma, eu posso fazer você acreditar que caiu da escada. Você tem os elementos para isso. Mas suas recordações, suas sensações físicas, estão lá guardadas do mesmo modo. Você é capaz de recordá-las. Ele só dá o nome errado. E a psique não é atingida de maneira alguma. A psique só é atingida se você morrer. Acabou a sua unidade orgânica, acabou a psique. A imortalidade da alma não tem nada a ver com isso. A psique não é atingida porque ela é você mesmo. O sujeito não pode te alterar por inteiro, só por partes. Vamos supor que ele fez uma lavagem cerebral tão bem feita que ele mudou não somente o seu ego como também sua psique. Mas para isso ele precisa mudar seu organismo e trocar você por uma outra pessoa. Mas aí ele não manipulou é nada. A manipulação acontece justamente porque se introduz uma cunha entre uma parte e outra, e a parte afetada é pequena. É o quê? É a narrativa. Você introduz uma falsa memória. Ou uma falsa articulação lógica, que também é a mesma coisa. A forma mais primária de unificação é a forma histórica, contar o que aconteceu. Quando você assistiu algo espantoso que você não entendeu, e aí chega em casa o que é que você faz? Você explica o que aconteceu? Não, você não tem explicação. Você conta o que aconteceu. Se você não é capaz de contar, muito menos é capaz de

explicar. Então entre a articulação cronológica e a articulação lógica há uma certa gradação. Precisa ter uma primeira para ter a outra depois. A primeira coisa que se desenvolve é o cronológico, você ser capaz de repetir esquematicamente as coisas como aconteceram na hora em que aconteceram. Ou seja, você se produz para você mesmo uma estimulação menor, menos intensa, uma estimulação puramente potencial. Se você foi mordido por um cachorro, então quando você lembrar que foi mordido por um cachorro você pode sentir o mesmo medo, mas não a mesma dor. Então você reproduz aquela estimulação em imagens com a ausência do estimulante externo (é a narrativa). Isso é o começo, a primeira manifestação do ego. Isso aí no fim das contas já está suposto nas nossas ações mais elementares. Por exemplo, para a criança pedir de novo a mesma mamadeira à mesma mãe, você vê quanta coisa precisa permanecer estável na mente dele? Ele está compondo a história. A aptidão para fazer isso vem na hora em que você nasce. Por isso que é bobagem essa questão de quando o sujeito começa a ter alma - a alma é ele mesmo, não é alguma coisa que foi acrescentada de fora. Você não tem aqui um corpo e uma alma que é injetada. Essa pergunta é de idiota. Então, se tem o corpo humano, este já é a própria alma humana, não é outra coisa separada. A alma é apenas aquilo em ação. A alma é a capacidade que o corpo humano tem de fazer ações humanas, não é uma outra substância. Então por isso mesmo que a idéia de subsistência da alma tal como é entendida normalmente é absurda. A alma só pode subsistir em Deus. Ou seja, Deus se lembra de você, ele pode te fazer de novo, é só isso que sobra, não sobra mais nada. Você pensar que a alma por si mesmo sobrevive... ora, faça-me o favor. Ela precisaria ser uma substância separada do corpo. Mas se ela fosse uma substância separada do corpo ela já o seria aqui mesmo. Se nem quando você tem corpo ela pode se separar do corpo, como poderá quando você já não tiver mais corpo? É absurdo. Mas a partir do momento em que as pessoas não conhecem nem mesmo o que é a doutrina da igreja, pensam que a alma é uma fumacinha, que ela continua depois da morte... mas é claro que não! A única coisa que sobra de você é a sua fórmula. Deus lembra como você era, só isso. E você vai renascer, vai ser feito de novo, em um corpo de glória, mas isso é completamente diferente de sobreviver após a morte.

Então, se entendemos o que é psique, entendemos o que pode ser a unidade da consciência. Ela é a sua história contada de tal modo que ela se encaixa na situação presente e lhe assegura o domínio sobre o futuro. É óbvio, sobre aquela parte do futuro que está sob a jurisdição do seu corpo, onde seu corpo pode agir. Então se eu digo que o sistema filosófico é a unidade do saber na unidade da consciência, isto significa que, entre todos os conhecimentos que o sujeito adquiriu (pois ele só pode fazer a unidade do saber com o saber que ele tem, o que ele não sabe não pode entrar), ele busca uma coerência de tal modo que isto se encaixe dentro da seqüência de ações e reações dele no mundo real, tanto ações externas quanto internas. Ou seja, se hoje ele percebeu que dois mais dois são quatro ele se compromete a levar isso em conta amanhã quando estiver pensando em outras coisas. Então o sistema filosófico é uma imensa integração da memória em vista da continuidade orgânica do sujeito no tempo. Por que o sujeito faz isso? É simples. Porque ele se apropriou do saber de forma que este virou parte dele, ao passo que o homem não filósofo não faz isso. Então todo o saber que circula pela sociedade, aquilo que se fala, aquilo que se lê nos livros, que aparece nos filmes, e outros do tipo, para o cidadão comum, é patrimônio coletivo, não é patrimônio dele. Ele não é pessoalmente responsável por aquilo. Se ele começar a levar aquilo a sério demais, então se torna patrimônio dele, e daí se integrou na psique. Se integrou na psique uma multidão de dados que estavam circulando, e agora, o que fazer com tudo isso? Isso não está mais na sociedade, isso está em mim. Então quer dizer que para o sujeito ser filósofo, em primeiro lugar ele precisa ter uma abertura monumental aos elementos da cultura que estão no mundo circundante. Ele precisa considerar que tudo aquilo é dele, como se fosse ele próprio que estivesse falando. Por exemplo: se você ouve um sujeito falando uma coisa que absolutamente não te interessa, você não assume maiores responsabilidades, mas se você quer saber se aquilo é verdade ou não, que é que você está perguntando? Eu devo acreditar nisso ou não? Não é ele. Se você se coloca esse problema quer dizer que aquela idéia você não a aceita mais como idéia do outro, mas você quer saber se deve

fazê-la sua ou não. Se o camarada tem essa abertura para o que se fala em torno, para a cultura, então aquilo se integra na sua psique, na sua memória, e se torna um problema para ele, então se torna história do seu ego.

Então essa capacidade de abrir-se à totalidade da cultura e de reorganizar-se de modo a continuar sendo ele mesmo, é isto aí que define o filósofo. O que isto tem a ver com a cultura? Ela só entra como fornecedor de elementos. Mas a iniciativa é dele, a necessidade a que ele atende é dele, e, mais ainda, ele pode atender a tudo isso e pode ser um filósofo sem que ninguém saiba. Nós só sabemos da filosofia porque os filósofos falaram, ensinaram, escreveram livros, entre outras coisas. Mas e se eles não tivessem feito isso? Se tivessem apenas filosofado para si mesmos? Não se integrariam na cultura e nem por isso deixaria de ser filosofia. Mais ainda: uma grande parte dos filósofos, você só conhece uma parte pequena do que eles falaram. Nem por isso essas partes que foram esquecidas deixam de estar inseridas nas filosofias deles, como é o caso do famoso ensinamento oral de Platão, ou os dois terços de Aristóteles que se perderam. Você não pode negar que esses dois terços fazem parte da filosofia de Aristóteles, embora você não os conheça. Esses dois terços não se integraram na cultura, mas estão na filosofia de Aristóteles. A filosofia não provém da cultura, a cultura apenas fornece elementos. E esses elementos podem ser casuais, porque depende daquilo que os filósofos vão contar. Por exemplo: os estilos musicais que tem numa certa época. Se o filósofo tinha o hábito de ir a concertos ou de escutar música aquilo se integra também, mas se ele não se interessou por aquilo, simplesmente não entra. E, no entanto, está na cultura. Quer dizer que a fórmula da recepção é dele, e a fórmula da elaboração também é dele. Claro que isso forma um modelo que pode ser imitado em seguida, porque inúmeros elementos que foram integrados e reorganizados pelo filósofo vão se reapresentar de novo para outras pessoas, e a fórmula que o filósofo inventou para integrar serve para você também. Então para que você vai ter que fazer de novo se o cara já fez? Se a elaboração é totalmente individual e a recepção também então a qualidade da matéria prima cultural não influencia na qualidade da filosofia. Pode ser que o sujeito a partir de elementos muito ruins construa uma filosofia muito boa. Depende do que ele quer, de como ele vai elaborar aquilo. Isso é acaso, não tem explicação. Por exemplo, às vezes lemos um negócio e vemos que, se o cara tivesse sabido que um fulano contemporâneo dele descobriu tal ou qual coisa, teria tomado outro rumo, mas ele não ficou sabendo. Por exemplo: quando eu estava lendo o Girard, eu pensei que se o Girard tivesse lido o Szondi ele teria desenvolvido todo um outro lado interessante, mas ele não leu. Que é isso? Isso é acaso. Então aquilo poderia ter criado um problema ou ajudá-lo a resolver um problema. De qualquer modo você entende que o sujeito em primeiríssimo lugar está articulando o seu próprio mundo interior. Se ele não estiver fazendo isso ele não é um filósofo. Claro que fazendo isso ele pode estar articulando por tabela o de muitas outras pessoas que receberam mais ou menos o mesmo dado e estão com o mesmo problema. Mas ele tem que pensar primeiro nele mesmo. Foi ele que comprou o problema, e ele que tem que resolver. É por isso que eu acho que a filosofia é incompatível com a atividade acadêmica, radicalmente incompatível. Porque aquilo lá é a cultura, é o transmissor de cultura. A não ser que você invente um outro tipo de academia que permita personalizar a este ponto a atividade, mas eu acho que isso não existe ainda. Por exemplo, quando você pega a academia platônica ou o liceu aristotélico você ainda tinha essa personalização, porque a academia platônica no fim das contas era um monte de gente trabalhando em torno da problemática que foi colocada por um sujeito só: Platão. Então a academia dura o tempo que durou Platão. Porque depois que o Platão morrer ou vai aparecer outro sujeito que vai continuar recolocando as coisas, e pode acontecer que ele receba outros dados que Platão nunca recebeu, e que ele seja um cara completamente diferente de Platão, e a academia vire uma coisa completamente diferente. Ou então ele vai transmitir a cultura filosófica adquirida por Platão, ou seja, os resultados estabilizados. Ora, os resultados estabilizados se integram na cultura e viram problemas para o filósofo seguinte. Mas tudo o que a instituição acadêmica tal como a conhecemos pode fazer é transmitir a cultura. Mas o ensino de filosofia só existe onde tem um filósofo filosofando. Teria que ser uma organização que dure enquanto tenha aquele sujeito, se forme ali um círculo de pessoas que estão com

problemas análogos e participam daquela discussão. Mas se não há mais isso, acabou. O que acontece é que morreu o filósofo e não tem ninguém filosofando, mas a faculdade de filosofia continua existindo. Mas o surgimento de uma nova filosofia não é um evento previsível. Um país pode ficar quinhentos, seiscentos anos sem aparecer filósofo nenhum. Aliás, acontece isso aí.

Então as pessoas não distinguem entre o que é cultura filosófica e filosofia é um problema gravíssimo. Agora, aqui se entende que a aquisição de cultura filosófica é a própria filosofia. E em todo o lugar onde a filosofia assuma formas acadêmicas isso tende a acontecer, tende fatalmente. Aqui eles não têm a menor idéia do que é um filósofo e por isso não sabem que eles não são. Então eles não têm idéia do trabalho que dá ser um filósofo e não vão ter nunca nas suas vidas. Mas isto está para a filosofia como brincar com o soldadinho de chumbo está para a guerra. Tem algo que ver, tem uma analogia, só que uma coisa se passa na fantasia e outra na realidade. Eles estão brincando de filosofia, jogando com elementos que comporiam uma filosofia se ela existisse. Mas se a filosofia não estiver integrada organicamente no todo da personalidade, na história do sujeito, então não é filosofia de maneira alguma, porque a filosofia é precisamente isso aí, ela não é outra coisa. A partir do momento que os resultados foram estabilizados e pára a filosofia então não é filosofia mais. É cultura, é cosmovisão, é tudo que você queira.

Entendido o que é unidade do saber na unidade da consciência (eu não expliquei direito o que é o saber, ficou faltando esse elemento), nós podemos colocar mais um outro probleminha, que é a amplitude do saber que o sujeito vai integrar, até onde vai isso. Primeiro ele só pode integrar aquilo que ele saiba, aquilo que chegou ao conhecimento dele. O que não chegou pode ser que por analogia, da maneira de ele tratar x ou y, também trate a, b, c, etc. Então você pode inventar soluções platônicas para problemas que Platão não conhecia. Mas de qualquer modo isso tem um limite. Aí nós temos que entender que o conjunto de dados que chega ao indivíduo, chega de três maneiras ou em três níveis diferentes. A primeira informação que chega é a existência do Ser. Essa todo mundo tem. Então sobre isso aí nós podemos ler um pedacinho do livro do Louis Lavelle, que já matou essa questão: “existe uma experiência inicial que está implícita em todas as outras e que dá a cada uma delas a sua gravidade e a sua profundidade. É a experiência da presença do Ser. Reconhecer essa presença é reconhecer no mesmo ato a participação do eu no Ser. Ninguém sem dúvida pode consentir nessa experiência elementar tomando-a na sua simplicidade mais despojada sem experimentar uma espécie de frêmito. Todo mundo há de confessar que ela é primitiva; ou antes, que ela é constante; que ela é a matéria de todos os nossos pensamentos e a origem de todas as nossas ações, e todas as demarchas do indivíduo a supõem e a desenvolvem. Mas uma vez feita essa constatação passamos adiante. Basta doravante que ela permaneça implícita e nós nos deixamos em seguida atrair por fins limitados que nos são propostos pela curiosidade e pelo desejo. Assim nossa consciência se dispersa. Ela perde pouco a pouco a sua força e a sua luz. Ela é assaltada por demasiados reflexos. Ela não consegue reuni-los porque ela está afastada do foco que as produz”. Então quer dizer que existe uma experiência inicial do Ser. Sem essa experiência você não conseguiria pensar, falar, nem ter consciência. Esta é a base de tudo e esta experiência é universal. Então esta deverá estar integrada em todas as filosofias que existem. Não há nenhuma filosofia que parta da idéia de que nada existe. Ou seja, é possível que alguns filósofos permaneçam muito próximos conscientemente dessa experiência inicial do Ser, e vão tomá-la, portanto, como problema fundamental. Como o problema de Schelling, porque existe o ser e não o nada. Mas pode ser que o filósofo passe adiante. Não, o ser existe, dane-se, vamos pensar em outra coisa, em coisas que se passam dentro do ser. Como os primeiros filósofos gregos que se perguntavam porque as coisas mudam e não permanecem como estão. Para elas ficarem como estão ou para elas mudarem é preciso que tenha o Ser. Então a mudança, que é o tema principal dos primeiros filósofos gregos já é um aspecto do Ser, um desses aspectos limitados a que está se referindo o Lavelle. Pode ser que esse aspecto de porque as coisas mudam também não pareça ao filósofo nada intrigante. Ele vai pensar em outra coisa. Ele pode pensar porque as pessoas agem mal. Ou em qualquer outra coisa que vai estar dentro do Ser e que vai ser um aspecto cada vez mais

limitado. E no fim pode ser que o sujeito somente se preocupe com algo que já resulta de milênios de cultura acumulada. Ele já está longe do Ser, ele já está no resíduo final daquilo que centenas de pessoas falaram sobre o Ser. Se você pegar toda a filosofia de Benedetto Croce, ela é uma filosofia da cultura. O Ser para ele não é problema, a mudança não é problema, etc, etc. O único problema é a cultura. Isto quer dizer que os dados que impressionaram estas pessoas são diferentes, mas em todos no fundo está a experiência do Ser. Então primeiro você tem a experiência do Ser. Em segundo lugar você tem o universo de dados, que é limitado, mas que se destaca desde dentro desse fundo ilimitado do Ser. E em seguida você vai ter a filosofia acabada, a visão que reúne numa síntese a experiência inicial do Ser com o universo de dados no qual o filósofo prestou atenção, mas pretende que essa visão seja compatível com aquele fundo inicial da experiência do Ser, no qual ela própria se integra. Ou seja, ela pretende não apenas ser verdadeira no seu conteúdo íntimo, e ser verdadeira em face da experiência inicial do Ser, como ela pretende também ser real porque ela agora é parte do Ser também.

Então qualquer filosofia pode ser estudada nesses três planos. Qual é a experiência inicial do Ser, em que medida isso se reflete no conjunto? Ou seja, isso seria a própria universalidade dessa filosofia. Você não vai negar que a filosofia de Aristóteles ou a de Leibniz é infinitamente mais universal que a de Benedetto Croce ou a de Karl Marx, porque estão mais próximas das questões básicas do Ser. Em segundo lugar pode estudar a amplitude dos dados, ou seja, a cultura do filósofo. Aí seria em termos de universalidade quantitativa - não essencial como no primeiro sentido - que evidentemente é utópica porque por mais dados que o sujeito abarque ele quantitativamente vai deixar muita coisa de fora. Nesse sentido ninguém pode negar que o mundo de Leibniz é muito mais rico do que o mundo de Diderot ou de Voltaire. E finalmente você pode julgar do ponto de vista da veracidade, ou seja, em que medida esta visão que o sujeito teve, a partir do universo de dados com que ele lidou, se integra naquele fundo da experiência do Ser; ou em que medida ela se torna irreal porque foram apenas coisas que um sujeito pensou. Se uma filosofia é verdadeira em seu conteúdo ela também é real, ela se integra no Ser como filosofia. Agora se ela for falsa ela se integra no Ser como um equívoco, que é apenas uma coisa em que um sujeito pensou, não tem nenhuma realidade além disso. Quer dizer, tem a realidade de um engano pessoal. Mas se o sujeito descobriu alguma coisa que é exatamente do jeito que ele disse isto se integra na própria realidade do Ser. Porque um ser efetivamente existente, seu fulano de tal, disse que as coisas são exatamente como elas são no Ser efetivo. Então isso quer dizer que essa parte do Ser se torna dizível através dele. Se o que ele disse é verdadeiro então foi o próprio Ser que disse. Agora, se não é, então foi apenas ele que disse. Então é uma possibilidade irreal que não se realizará.

Então tudo o que eu falei aqui é compatível com o conteúdo de qualquer filosofia. Todas as filosofias são isto. Todas sem exceção. Não obstante, tudo isso que eu falei, se é compatível com os conteúdos de todas as filosofias - as verdadeiras e as falsas, as boas e as más, as grandes e as pequenas - então, ao contrário do que disse Schelling, a análise do conceito de filosofia não produziu uma filosofia, produziu apenas uma explicitação da definição de uma atividade que os seres humanos podem realizar de milhões de maneiras diferentes, dependendo do universo de dados com que eles lidam. Supondo que agora eu queira fazer isso a partir de todo o meu universo de dados, eu não vou poder deduzir desta definição de filosofia os dados com que eu vou lidar, e portanto o conteúdo final da minha filosofia não poderá ser obtido por mera análise da definição de filosofia que eu dei.